



CAMPINAS NA “PEREGRINAÇÃO” DE ZALUAR

Augusto Emílio ZALUAR

(Nascido em Lisboa a 14 de fevereiro de 1825, Augusto Emílio Zaluar naturalizou-se brasileiro em 1856 e faleceu no Rio de Janeiro a 3 de abril de 1882. Tornou-se conhecido pelo volume “Peregrinação da Província de São Paulo”, que publicou em 1863, livro que lhe deu renome e é realmente valioso para o conhecimento das regiões por ele percorridas, tanto que mereceu reedição póstuma em 1943. Desta reedição, extraímos o que ele escreveu sobre a nossa Campinas (pp. 147-157).

Ainda não há oitenta anos existia, cerca de dezoito léguas ao noroeste da cidade de São Paulo, um lugar onde os tropeiros vindos da capital e de Santos, em direção a Cuiabá e Goiás, tinham construído alguns ranchos e descansavam suas tropas, para depois seguirem, pelo meio de sertões invios, as suas muitas vezes perigosas e arriscadíssimas jornadas.

As florestas primitivas cobriam em todas as direções este solo precioso. As caravanas dos desertos da América não precisavam, como as da Arábia, arvorar suas tendas no meio dos areais, porque a sombra dos jequitibás, das perobas e das figueiras bravias, derramava sobre a cabeça dos viajores uma frescura mais vivificante e do que a das palmeiras solitárias da Iduméia e da Palestina. A pureza do ar e o perfume das flores silvestres faziam deste lugar um verdadeiro oasis.

Quem sabe se pela mente de algum tropeiro desconhecido passou algum dia a idéia de que este lugar remoto seria em pouco mais de meio século um verdadeiro empório de riqueza e de civilização? O certo, porém, é que dos ranchos aglomerados nasceu em breve um arraial, e do arraial criou-se uma vila, e da vila fundou-se uma cidade, que é uma das primeiras da província de São Paulo, e faz parte de um dos municípios desta, que em produção agrícola e fortunas locais só tem paralelo com o Bananal. Contam que um indivíduo por nome Pedroso, perseguido pelo recrutamento, fugiu de Itu, donde era natural e, refugiando-se no meio das matas virgens que então cobriam este lugar, ficara tão surpreendido com sua fertilidade e clima, que, regressando a Itu, onde foi pouco depois preso, narrara a todos os prodígios deste terreno abençoado; o que tal modo influiu no ânimo dos habitantes daquela vila, que não só dali, como de Cotia, Parnaíba, Mogi-Mirim e Jundiáí, que já eram vilas antigas, afluiu gente a povoar estes sertões.

Esta povoação foi erecta em vial com o nome de São Carlos no ano de 1797. No lugar onde hoje existe a cidade havia então um pequeno campo de pastagem o que era de grande auxílio para o pouso das tropas, a que davam o nome de Campinho, que depois provavelmente se mudou no de Campinas, mais poético e em analogia com a perspectiva pitoresca do terreno.

Os primeiros povoadores do lugar entregaram-se logo ao cultivo e construíram engenhos de açúcar. Dessas diversas famílias de tão diversos pontos da província e algumas das quais eram já relacionadas entre si pelos laços do parentesco e da amizade, descendem as grandes famílias em cujas mãos estão hoje as mais importantes fortunas e talvez os destinos deste rico município. Por toda a parte as povoações modernas, animadas pelo espírito de progresso e pela vitalidade de suas forças juvenis, nos reproduzem constantemente o mesmo fato: enfraquecem ou anulam as povoações antigas. E não se pense que este fenômeno se manifesta somente no desenvolvimento material das povoações; pelo contrário, ele se torna bem patente na elevação das idéias e na aspiração para o seu aperfeiçoamento moral e social.

Se outros pontos que tenho percorrido me não houvessem fornecido já exemplos irrecusáveis desta verdade, aí está o município de Campinas para fazer baquear a última dúvida.

O progresso geral acelera-se aqui com rapidez notável.

Sobretudo nos últimos vinte anos, depois que começou a ser ensaiada e a produzir a cultura do café, pois até então o único ramo de cultura era cana e gêneros alimentícios, este fertilíssimo torrão da província de São Paulo excede em produção não só a quase todos os seus municípios, como ainda a um grande número de outros que tenho visitado na província do Rio de Janeiro. Será este resultado devido simplesmente às circunstâncias peculiares do seu solo, à uberdade dos terrenos, ao emprego de mais apropriados sistemas agrícolas, ou o é, também, e muito mais particularmente, ao espírito esclarecido, à iniciativa pronta, ao impulso generoso e livre de seus habitantes?

Parece-me que da aliança destas circunstâncias todas é que resulta o fato que pretendo assinalar.

Dezoito léguas distantes da capital da província, quase trinta do porto de Santos, e perto de cento e trinta da capital do Império, os habitantes de Campinas não podem gozar ainda com facilidade de todos os regalos que a civilização das grandes cidades proporciona a seus moradores; mas em compensação sobram-lhe os desejos e os meios de em breve o conseguirem.

Os homens mais antigos substituem com uma experiência sensata a ilustração que se lhes não dava na rudeza de outros tempos, prezam a educação e não poupam sacrifícios para ensinar seus filhos, que constituem hoje uma das mais brilhantes falanges da mocidade brasileira! Quereis convencer-vos do que digo? Vêde a independência das idéias políticas dos campineiros; observai o empenho com que formam as associações literárias; assisti às suas discussões continuadas; examinai o impulso de seus melhoramentos materiais; observai essa espécie de avidez com que ensaiam os diversos sistemas, e com que aplicam as máquinas ao aperfeiçoamento da produção agrícola; e dizei-me depois se um povo animado por tão brilhantes e úteis instintos tem ou não direito

a figurar desde já como um dos núcleos mais esperançosos não só da província como do país? No entanto todas estas lisonjeiras esperanças podem ser destruídas. Estes elementos de grandeza, que ora prometem um tão risonho porvir aos campineiros, dependem de um auxílio que, se lhes for negado, fará estacionar o seu desenvolvimento e até comprometer o seu futuro.

Sabeis qual é este auxílio?

É a estrada de ferro.

Não é este o lugar de desenvolver uma questão de tamanha magnitude; mas o que é porém certo, é que a estrada de ferro de Santos a Campinas apenas realizada, abrirá como por encanto novos e fecundos mamanciais de riqueza pública, e é sem dúvida a única garantia de futuro que corre aos lavradores do sul da província de São Paulo. A falta de vias de condução, e por consequência a dificuldade e careza dos transportes, sobrecarrega de onus tão pesados as povoações desta parte da província, que não há interesse que possa resistir sem abalo a este imposto exagerado e constante.

Calculei agora qual seria a importância de Campinas se houvessem fáceis comunicações para o grande mercado da Corte! Deve no entanto observar-se que hoje estão ainda os terrenos produzidos com toda a sua força de vitalidade, porém que, segundo o emprego dos nossos processos rotineiros e a crescente e assustadora escassez de braços, todos estes elementos de prosperidade tenderão a estacionar-se, e cairá este esperançoso município no estado de decadência em que já se acham muitos outros, se porventura se não realizar com brevidade a idéia dessa via férrea, que será um ponto de aproximação entre o produtor e o consumidor, e uma garantia segura de seus recíprocos interesses. Quando visitar o porto de Santos, estudarei, debaixo de um ponto de vista mais largo, todo o alcance desta importante via de comunicação interior, visto que por hoje limito-me a fazer esta observação sucinta em relação a este lado da província, e sobretudo ao município de que me ocupo. A cultura do café, que é hoje a principal do município data apenas de trinta anos, que foi introduzida, e vinte, que tem tomado o seu maior incremento. Existem

aqui cento e oitenta e nove fazendas que se empregam nesta cultura, e avalia-se, termo médio, a sua exportação para cima de setecentas mil arrobas.

Além do café, o cultivo da cana, a fabricação do açúcar e da aguardente continuam ainda a ser explorados com grande vantagem.

As vinte fazendas de cana com seus respectivos engenhos dão por ano sessenta mil arrobas de açúcar, que não só serve para o consumo local, como se vende para outros municípios, e ainda para a província de Minas; o mesmo acontece aos gêneros alimentícios que se plantam e colhem em grande abundância, não só pelos pequenos como pelos grandes proprietários. O primeiro introdutor da cultura do café em Campinas foi o fazendeiro Francisco Egídio de Souza Aranha, falecido há pouco tempo e que se deve considerar como tronco de uma das mais importantes famílias do lugar. A sua iniciativa neste gênero de cultura foi recebida então por quase todos os seus vizinhos com desconfiança e incredulidade.

Porém o incansável lavrador, longe de se desanimar neste empenho, aconselhou a muitos fazendeiros que tentassem ensaios desta nova indústria agrícola e com tanto ardor advogou a causa da cultura do café, que a família Sousa adotando a idéia, foi uma das primeiras que logo colheu esperançosos resultados, não só pela adoção de métodos mais aperfeiçoados, como pela propriedade dos terrenos, que até então se julgavam só próprios para as plantações de cana, quando a sua natureza era pelo contrário a mais apropriada à produção do café.

Foi dessa época que datou evidentemente todo o incremento do município. Esta transformação da lavoura abriu novas fontes de riqueza inesperada à atividade dos lavradores, e todos ou quase todos que têm terrenos convenientes se entregam hoje ao desenvolvimento deste ramo de indústria agrícola, que continua a produzir e produzirá ainda os mais vantajosos resultados.

Já que tanto me tenho demorado com a lavoura, direi agora algumas palavras acerca do não menos importante comércio de Campinas. O melhor meio, porém, de dar uma idéia mais palpável do seu

desenvolvimento, é oferecer aos leitores os seguintes dados estatísticos, que me foram ministrados pelos documentos oficiais de respectiva Câmara Municipal, e pelas pessoas habilitadas a quem consultei e que, com todo o empenho se prestaram a auxiliar-me neste trabalho. Há na cidade 64 lojas de fazendas e ferragens, 20 armazens de gêneros de fora e 110 tavernas, o que tudo paga direitos à municipalidade.

Além destas, há três fábricas de licores, duas de cerveja uma de velas de cera, uma de chapéus, três hotéis, duas casas de bilhares, diversas lojas de alfaiates, sapateiros, latoeiros, caldeireiros, torneiros, marceneiros, seleiros, armadores, quatro padarias, uma fábrica de charutos, três relojoeiros, três ourives, três retratistas em daguerreótipo e um a óleo, três pintores hábeis e uma tipografia onde se publica o **Conservador**, folha dedicada aos interesses de um partido e a quem devo sincero agradecimento pelas palavras lisonjeiras com que me cumprimentou o seu inteligente e ilustrado redator.

O comércio é, pois, ativo e florescente, porque é aqui o entreposto de Góias, Uberaba, Franca e outras povoações do interior com a côrte. Asseguraram-me, porém, que já foi muito mais importante e ativo com estes pontos; e assim mesmo ainda entram aqui todos os anos, da Franca, 400 e 600 carros, que trazem toucinho, algodão, queijo e feijão, que permutam por ferragens e sal em grande quantidade. A casa da câmara e a cadeia, reunidas em um mesmo edifício, apesar de edificadas com segurança, são acanhadas para o lugar, e construídas com mau gosto e sem as condições convenientes para o seu duplo destino.

No entanto a falta de um edifício apropriado é bem substituída pela dedicação e atividade dos cidadãos que representam a municipalidade, pois se não poupam a esforços e fadigas para proporcionar à cidade todos os melhoramentos materiais de que carece, não só no calçamento das ruas e embelezamento das praças, como na edificação de um mercado, em que se trabalha com empenho, e se espera concluir nestes dois ou três meses.

Os rendimentos da Câmara Municipal montam a 16:000\$ anuais. Há quatro igrejas em Campinas, que são as do Rosário, Santa Cruz, Matriz velha e Matriz Nova. As três primeiras nada têm de notável, bem como a

Capela das Almas. A Matriz nova, porém, segundo as proporções com que é edificada e as somas fabulosas que já se tem gasto, promete ser um dos primeiros ou talvez o primeiro templo não só do Sul como da província toda.

O plano de sua construção geral foi confiado ao hábil artista baiano, o Sr. Vitoriano dos Anjos, que fez da capela-mor, que está quase terminada no que diz respeito à obra de talha, um verdadeiro sonho de artista. O cedro que campeava outrora gigante no santuário das florestas, transformado agora pelas mãos do gênio em maravilhas de arte, adorna o santuário do Deus vivo. Tenho visto poucos trabalhos tão peregrinos executados em madeira. É um poema de flores, arrendados, colonatas, arabescos, grinaldas, florões enlaçados com profusão e simetria, beleza e unidade, traduzindo as idéias de uma alma de poeta sob as formas mais puras, graciosas e sublimes que se podem reproduzir pelo cinzel do escultor! O cedro passou do templo de criação ao templo da arte, cantando um salmo não interrompido de louvor a Deus, primeiro como a expressão da natureza, e depois como um hino da humanidade!

Este notável artista, já ancião e coberto de cãs, vive na mais ignorada obscuridade. Os seus trabalhos não são talvez apreciados nem remunerados como devem, o que explica a expressão de profunda tristeza e desgosto que se descobre na fisionomia do infatigável entalhador baiano. Surpreende ver o trabalho concluído por este homem em pouco mais de seis anos! As artes são ainda tão pouco acoroçadas entre nós que não deve admirar o que sucede a este em uma povoação afastada do interior, quando alguns artistas conhecemos nós que não são mais felizes no centro das grandes capitais. Na cidade há dois cemitérios públicos, um católico e outro protestante, várias confrarias religiosas e seus sacerdotes. Tratou-se de construir uma casa de misericórdia, para cujo fim existiu já formada uma sociedade com o fundo de mais de trinta contos de réis. Não sei em que ponto está agora.

O teatro de Campinas, melhor que o da Capital, faz honra ao bom gosto e riqueza da população. É pena não existir aqui uma companhia dramática permanente, o que seria uma útil distração para os habitantes, e um ponto de reunião agradável para se passarem as noites, quase sempre tão aborridas para quem vive nestes centros retirados.

O clima de Campinas é dos mais amenos e salutareos que conheço. Grande parte das estradas e caminhos vicinaes parecem longas aléias de jardins, rescendentes de vivíssimos perfumes e adornados do mimoso matiz de mil variadas flores umas despregadas em longos festões de cálices azuis, outras da família das cambarás em odorífera plumagem; outras, finalmente, como as flores de São João, parecem mergulhadas em púrpura, entrelaçadas à mosqueta bravia e ao jasmim selvagem, o que tudo faz impregnar constantemente a atmosfera de agradáveis e deliciosos odores.

Visitei alguns sítios, e por toda a parte vi aliado o esplendor da natureza, a seiva e robustez da vegetação ao caráter franco, sincero e liberal dos Campineiros. Se não se encontram ainda moradas de luxo e ostentosas riquezas em suas habitações campestres, acha-se nelas a hospitalidade cordial, a franqueza sem pretensões, e esse agradável conforto da intimidade que tanto cativa e penhora a quem visita os lares pacíficos deste povo, digno da sorte lisonjeira que sem dúvida lhe reserva a Providência.

Entre os homens cujo caráter pude apreciar mais de perto, está naturalmente colocado o Comendador Joaquim Egídio de Souza Aranha. Se em Campinas fosse admitida a idéia de sujeição a qualquer influência, e este cavalheiro não fosse o primeiro a alimentar a plena independência de seus concidadãos, seria a verdadeira potência dos interessados políticos do lugar.

Tronco de uma das famílias mais poderosas de Campinas, ligado pelos laços da amizade aos homens mais importantes da província, dotado dessa afabilidade simpática que tanto predomínio exerce sobre todos que o conhecem, poderia sem custo exercer uma ditadura que a integridade de seu caráter, a pureza de suas convicções e o seu bom senso escrupulosamente rejeitam.

Ao lado deste, outros caracteres não menos nobres, quer de uma, quer de outra parcialidade política, merecem a estima geral conceito, não só de seus concidadãos, como dos estranhos que têm oportunidade de conhecê-los. Citarei entre estes o Sr. Joaquim Antônio de Arruda, dono

de uma das mais importantes propriedades agrícolas do lugar, onde, além do café, que colhe em grande escala, tem cultivado o trigo, que aí produz com o mais animador e lisonjeiro resultado.

Além deste, visitei o sítio chamado "São Francisco", pertencente ao Sr. Pedro Egídio, pitorescamente colocado à margem do rio Atibaia, e tão agradável pela sua posição topográfica como produtivo pela cultura da cana, de que aí existem as mais bonitas plantações que tenho visto. Vizinha deste fica a fazenda do Sr. Tenente-Coronel José Egídio, montada com uma excelente serraria de madeira, com cujo auxílio seu dono tira das soberbas matas que possuem lucrativa vantagem. Como estes, existe no município um grande número de fazendeiros, que não só constituem já as maiores fortunas do lugar, como prometem, como o progresso que vão desenvolvendo, acrescentar em breve a riqueza da província.

A instrução pública tem tido em Campinas um desenvolvimento não menos satisfatório que a lavoura. Existem aqui duas escolas públicas de primeiras letras, uma secundária e cinco particulares de instrução primária, sendo uma de meninas, e dois colégios de instrução secundária, sendo um de cada sexo; representando o número total dos alunos de todas estas aulas, do sexo masculino duzentos e quarenta, e do feminino cento e vinte educandas. Além destas casas de ensino, a maior parte dos fazendeiros pagam a mestres para educar seus filhos, e um bom número de jovens campineiros freqüentam atualmente em São Paulo as aulas da Faculdade de Direito. Em Campinas há dezesseis bacharéis formados em Direito, e apenas seis não são filhos do lugar. É tal a vontade que este povo tem de instruir-se, que já se acham fundadas na cidade duas associações científicas, uma com título "Recreio Literário de Leitura Campineiro", e outra de "Gabinete de Leitura", a qual já tem prestado grandes serviços e conta em suas estantes muitas obras de valor. Estas duas associações foram criadas e são quase exclusivamente sustentadas pelos moços de Campinas. Honra à mocidade que deseja instruir-se, e prefere o comércio dos livros e do estudo às frívolas distrações que por tanta parte inutilizam nossa juventude!

A população deste município, que abrange sete léguas de largura e oito de extensão, é de 24.000 habitantes, sendo 14.000 escravos e 10.000 livres. Da cidade de Campinas irradiam muitas estradas importantes, que a põem em contacto com os centros mais populosos e as povoações tanto desta como das províncias limítrofes. São geralmente mais transitadas estas vias de comunicação do que as da maior parte da província do Rio de Janeiro, o que é devido, não digo ao zelo da administração provincial, que pouco se importa com isso, mas às condições e sem dúvida à solidez do terreno e menos tráfego de tropas.

Este delicioso torrão da província de São Paulo é fértil em grande cópia de árvores frutíferas, não só indígenas como estrangeiras, que todos os anos oferecem aos seus moradores os agradáveis passeios a que chamam “ir às frutas”. As famílias viajam então em romaria de umas para outras fazendas, e se distraem com este salutar refrigério, enquanto os homens se entregam aos exercícios mais varonis da caça e da pesca.

Nunca encontrei em minhas viagens no Brasil como aqui, além das frutas do mato, que aí produzem em grande abundância, como sejam abacates, deliciosas jaboticabas, figos, uvas, morangos e muitas outras, conservando o mesmo sabor e perfume que os da Europa. Nesta terra as lutas políticas não têm separado os indivíduos, e, seja qual for a parcialidade a que pertençam, todos com raras exceções, se dão, visitam, convivem e formam, por assim dizer, uma só família.

Este é um dos títulos que, quanto a mim, mais recomenda o caráter deste povo. O arraial da peleja é junto à urna eleitoral; fora daí, todo o campo é tréguas e os mais encarniçados adversários se abraçam com fraternidade cordial antes e depois do combate.

No entanto os Campineiros, respeitadores das leis e das instituições do país, amam com entusiasmo a liberdade, e pode dizer-se afoitamente que são neste ponto da província um dos mais seguros baluartes do partido progressista. Foi perto da cidade de Campinas que se passou o trágico episódio político de 1842, no sítio denominado “Venda Grande”. Conheci e tive ocasião de relacionar-me com muitas das pessoas que tomaram parte muito ativa nesse desastroso conflito, e que assistiram a todas as peripécias desse drama sanguinário e lutuoso. É uma página da

história cuja mancha ainda não pôde apagar a mão do tempo, para que ela se tornasse legível à luz da publicidade. As legendas desse dia funesto correm no entanto na boca do povo com toda a mágoa de uma tradição fratricida.

Não serei eu quem levante a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena. Deixo a outros mais competentes historiar um fato que não deve no entanto ficar no esquecimento, pois terá a dupla vantagem de servir de exemplo a uns e de remorso a outros.

Vivi perto de dois meses entre os campineiros, e fui sempre tratado por eles com cordialidade e franqueza. Deram-me constantemente as provas de um apreço que poderia bem lisonjear o meu amor próprio, se não fosse mais poderoso o desejo que tenho de testemunhar-lhes o sentimento de minha gratidão.

Recebam pois esta confissão pública como uma garantia da esperança que outro de sua prosperidade, e dos votos que faço para que a administração provincial, estudando com critério os interesses vitais dos municípios do Sul, empenhe todos os seus esforços para que a linha férrea que se acha projetada até Jundiá prolongue mais algumas léguas o seu traço, e vá animar a lavoura, a indústria e o comércio deste novo e fértil torrão da província de São Paulo e dos centros com que comunica, que sem esse eficaz auxílio terão apenas um lento e demorado desenvolvimento.

No trajeto de São Paulo a Campinas a única povoação que se encontra é a vila de Jundiá. As duas vezes que por aí passei foi com tanta rapidez que não tive tempo de observá-la minuciosamente, nem de obter as informações necessárias para um trabalho mais desenvolvido. No entanto posso afirmar que o seu aspecto geral é circunscrito, triste e sem edifícios ou prédios importantes. Logo ao sair desta povoação encontra-se o pouso do Sr. Pinto, bem conhecido dos viajantes pela jovialidade de seu dono e pelo agasalho que este faz às pessoas que ali pernoitam ou descansam. Deus o conserve!

Quem não viajou ainda pelos lugares retirados do interior do país, não concebe o que quer dizer um "bom pouso!"

Depois de dez ou doze léguas de jornada, aturando os caprichos de uma cavalgada refratária ao impulso da locomotiva, coberto de suor e de poeira, extenuado de cansaço, sentido uma dor em cada articulação, no estômago um vácuo impertinente, e achar-se como por encanto sentado a uma boa mesa, namorando com a vista uma cana de lençóis bem alvos, é uma felicidade suprema que o habitante das grandes cidades, o homem que vive sem viajar, desconhece inteiramente, e por conseqüência não pode apreciar. Acrescentarei a isto que não há nada mais raro do que encontrar para estes lados um pouso semelhante.

Imaginal, portanto, em lugar deste abrigo confortável, entrardes em uma mesquinha arribana, refúgio de todos os insetos para que os sábios ainda não acharam explicação na natureza, e serdes obrigados a contentar o apetite com os dois invariáveis regalos de feijão mal cozido e lombo mal frito, isto em presença de uma cama de correias de couro entrançadas, suja, velha, sebenta, com lençóis da côr da colcha, que é sempre escura, debaixo de um teto sem fôrro e à luz de uma candeia enfumaçada; acreditai que ainda assim não podereis compreender o que é “um bom pouso.

É preciso passar por certas sensações para saber dar-lhes o valor; é por isso que nunca me esquecerá o pouso do Sr. Pinto.

De Campinas fomos visitar a colônia do Ibicaba, fundada pelo Senador Vergueiro, passando pela fazenda do Morro Azul, deliciosa vivenda do Sr. Jordão.

A Colônia Vergueiro merece um trabalho especial, que pretendemos escrever como aditamento a este volume, tratando em geral da colonização em São Paulo e particularmente das colônias aqui estabelecidas, algumas das quais tantos serviços têm já prestado à lavoura.

Por hoje limitamo-nos a afirmar que, depois de visitar o grandioso estabelecimento de Ibicaba, saímos satisfeitos da atividade, asseio, ordem e contentamento que reina entre os seus moradores.

Estivemos também na cidade de Rio Claro, mas tão pouco tempo que não podemos ocupar-nos hoje de uma descrição minuciosa a seu respeito.

Uma das jornadas mais agradáveis que temos feito na província de São Paulo foi as doze léguas que vão de Campinas a Piracicaba, ou moderna cidade da Constituição.

Montamos a cavalo eram onze horas de uma noite magnífica de luar. O meu companheiro de viagem, prático nos caminhos e dotado de viva e ardente imaginação, fazia voar as horas, que ordinariamente costumam ser tão fadigas para quem as atravessa sozinho e no silêncio da noite, contando-me as tradições locais e alguns dos episódios históricos da insurreição de 1842, que, como filho da província e quase do lugar, conhecia em todos os seus pormenores.

Havia um não sei quê de solene e grave na hora, na natureza e na expressão do entusiasmo do inteligente narrador. Verdadeiro Paulista no coração e nos costumes, o meu companheiro, envolvido no seu largo ponche, que lhe deixava ver os contornos de um corpo bem formado, trazia apenas a descoberto a fisionomia audaz e varonil, onde se lia esse cunho de heróica intrepidez que tanto caracteriza os filhos das raças meridionais; um largo chapéu de palha, botas de montar e chinelas, um bom revólver à cinta, eis o que completava o traje do distinto Piracicabano, em cuja companhia tive o gosto de fazer esta digressão noturna.

A noite estava de um esplendor majestoso. O silêncio dos ermos era apenas quebrado pelo som das passadas dos nossos animais, e de vez em quando pelo grito plangente ou agudo dos pássaros selvagens despertados ao rumor da nossa passagem. A não ser isto, o silêncio mais absoluto reinava por toda a parte.

A lua, em sua plenitude, derramava feixes de pálida luz pelos contornos desiguais da estrada, mas quebradas dos outeiros, e prateava com doce brilho a vegetação dos prados e as folhas verdejantes e orvalhadas dos arbustos.

Por hoje limitamo-nos a afirmar que, depois de visitar a grandioso estabelecimento de Ibicaba, saímos satisfeitos da atividade, aseo, ordem e encantamento que reina entre seus moradores.

Estivemos também na cidade do Rio Claro, mas tão pouco tempo que não podemos ocupar-nos hoje de uma descrição minuciosa a seu respeito. (147-159).

